

# ARGENTINA

## Confusão na Bolsa de Buenos Aires

Uma brusca queda de 50% no valor das ações, em relação ao fechamento registrado sexta-feira passada, acabou determinando a suspensão temporária das atividades da Bolsa de Valores de Buenos Aires, ontem cedo. Houve confusão geral, disputas iradas e muitos gritos no pregão, que culminaram com corretores agredindo-se mutuamente e com pessoas atirando moedas contra as lousas, em sinal de protesto.



Alfonsín

Foi necessária a intervenção do presidente da Bolsa, que determinou que as operações só seriam reiniciadas quando ficasse assegurado o seu desenvolvimento "num ambiente de normalidade", e que não seriam permitidas "desordens nem agressões". A Bolsa reabriu à tarde, e os papéis terminaram registrando uma queda de 20%, de modo geral, atribuída às medidas adotadas na semana passada pelo presidente Raúl Alfonsín com o objetivo de conter a inflação — como o congelamento dos preços de 70 produtos básicos por 40 dias e um aumento geral de salários correspondente a 40 dólares (1.000 pesos argentinos).

Os bônus externos — títulos públicos de cotação similar à do dólar — mantiveram-se firmes no mercado, registrando altas importantes durante o pregão de ontem, embora os preços de fechamento tenham ficado, em alguns casos, um pouco abaixo dos registra-

dos sexta-feira última. Esse movimento de alta do dólar e dos bônus no início do pregão, originário de fundos procedentes da liquidação de ações por parte de empresas e particulares e que acabou determinando a queda de quase 50% no valor dos papéis, foi a causa principal do escândalo ocorrido na Bolsa de Buenos Aires.

### Sindicatos: protesto

Os dirigentes das duas confederações gerais de trabalhadores da Argentina — as poderosas CGT e CGTRA —, ambas sob controle de peronistas, continuam protestando contra o projeto de lei enviado no final de semana ao Congresso pelo presidente Raúl Alfonsín, propondo a reorganização sindical no país e convocando eleições gerais nos sindicatos nos próximos 120 dias. Além disso, o projeto prevê que as minorias, desde que representem 25% dos filiados de qualquer agrupação, deverão ter direito a cargos na diretoria, na proporção de um terço.

"Este é um velho projeto 'gorila' antio-perário, que já conhecemos. Trata-se de atomizar o sindicalismo argentino para entregá-lo, sem forças, à voracidade dos patrões", disse Jorge Triacca, secretário-geral de uma das centrais operárias, a Hugo Martínez, nosso correspondente em Buenos Aires.

Apesar da oposição sindical — que tem o apoio de Diego Ibañez, dirigente dos petroleiros e líder da bancada peronista na Câmara dos Deputados — o aumento de salários concedido por Alfonsín conseguiu fazer com que fosse suspensa a greve geral de 48 horas, convocada para hoje pelo influente sindicato dos metalúrgicos.

## O que os argentinos querem do FMI

O presidente do Banco Central da Argentina, Enrique García Vasquez, disse ontem que seu país tratará "de obter todos os benefícios que qualquer país-membro pode obter do Fundo Monetário Internacional".

Vasquez, que se encontra em Washington para dar prosseguimento às negociações com os credores e financiadores externos do país, disse que a despeito de Brasil e Argentina terem problemas específicos, há também entre os dois muitos pontos em comum.

Como exemplo de posições coincidentes, Vasquez afirmou que as duas nações defendem a redução das taxas de juros internacionais e a necessidade de se vincular o pagamento da dívida às exportações. "Não seria possível pensar em pagar a dívida se fecham nossa possibilidade de exportar para os países industrializados", disse. "Isso é fundamental."

Vasquez disse ainda que Brasil e Argentina não pensam em clube de devedores. "Também não deveria haver clube de credores", afirmou.

O presidente do Banco Central da Argentina disse que o partido (Radical) que representa sempre teve boas relações com o Fundo Monetário Internacional, como pode

atestar quando era vice-presidente do Banco Central em 1966 e 67, durante o governo de Arturo Illia.

Além disso, está convencido de que tanto o FMI como os bancos privados apoiarão o novo programa do governo, "que quer arrumar a economia e acabar com a ineficiência o mais rapidamente possível".

Vasquez explicou que o governo recém-empossado ainda não conhece toda a herança que lhes foi deixada pelos antecessores. As investigações prosseguem, esclareceu, para descobrir o montante exato da dívida externa e determinar o fluxo de caixa do país.

Vasquez visitou o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Donald Regan, ontem de manhã. Depois esteve no Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), almoçou na embaixada argentina com funcionários do FMI e, à tarde, avistou-se com o presidente do Banco Mundial (Bird), A.W. Clausen. Hoje estará no FMI, no Banco de Exportação e Importação dos Estados Unidos (Eximbank) e na Junta da Reserva Federal. À noite, irá para Nova York e quarta-feira retornará a Buenos Aires.

**A.M. Pimenta Neves, de Washington,**